

INTRODUÇÃO

A idéia de um livro de entrevistas

A idéia deste livro surgiu em Londres, após uma visita a Anne Bassoon, intelectual americana que ali vive, trabalha e milita.

Havíamos passado uma tarde conversando sobre os temas mais diversos, como sói acontecer quando mulheres intelectuais se encontram. O assunto girara deada os temas mais gerais, como as mudanças no Leste Europeu, a crise do socialismo e do capitalismo, a crise dos paradigmas, a questão da mulher e, daí, a conversa foi chegando de mansinho em nossas próprias vidas, mulheres maduras viventes em uma sociedade sexista, mulheres de esquerda num mundo varrido pela onda neoliberal, mulheres-mães, mulheres-profissionais, mulheres-desejantes, que lutam contra o tempo que só nos oferece vinte e quatro horas por dia e talvez setenta ou oitenta anos de vida, tão pouco para quem tanto quer da vida.

Ir a Brixton, onde mora Anne, é viajar pelo mundo sem sair do lugar. Este é um bairro que se pode dizer multicultural. Andando pelas ruas de Brixton ouvíamos todas as línguas que conhecíamos e mais algumas que jamais havíamos escutado. As cores da pele, o modo

de andar, a gesticulação, a musicalidade da fala, o modo de vestir, tudo, enfim, lembrava terras longínquas ou mais próximas, culturas que se caracterizam pela afinidade ou pela diferença, povos colonizadores e povos colonizados. Mas havia uma característica comum a todos os que procuram o bairro — a abertura para o diferente, independente da origem de cada um.

Os mais conservadores fogem ou pelo menos evitam ir a Brixton. Quando contamos a uma amiga brasileira radicada em Londres que iríamos lá passar a tarde, ela nos alertou:

— Cuidado. Lá é barra pesada.

Como sempre, o perigo está no diferente de nós, no que está fora de nós, no outro. Não havia de ser diferente com nossa simpática, porém preconceituosa amiga.

Foi fascinante aquela tarde. Anne nos levou para conhecer o bairro, as lojas africanas, indianas, chinesas, indonésias, portuguesas e de outras, muitas outras nacionalidades e etnias, cada uma trazendo um pouco de terras estranhas, oferecendo roupas, comidas, objetos de seu artesanato, livros e discos. As comidas comíamos com a boca e o resto com os olhos, com os ouvidos, com o tato.

O barulho das vozes que se entrecruzavam em algazarra contrastava com o silêncio londrino, a que já nos acostumáramos. Nós também, contaminadas pela exuberância presente, fomos nos percebendo falando mais alto, gesticulando como latinas que somos, rindo muito.

Ao final da tarde, voltamos as três à casa de Anne e ao silêncio que convida a conversas mais intimistas, mais femininas. Regada a um bom vinho, a conversa se prolongou até que nos pareceu hora de voltar, apesar do desejo de ficar.

Foi durante a viagem de volta no metrô, que surgiu a idéia de fazer um livro de entrevistas.

Na verdade, a idéia de organizar um livro de entrevistas com intelectuais europeus (a idéia inicial) é consequência de uma preocupação recorrente nossa quanto à resposta que daríamos a nossos pares, e para além de nossos pares, ao voltar de nossas bolsas de pós-doutorado na Europa.

Voltava sempre, em nossas conversas, ser muito pouco apenas fazer um relatório ao final de nossa estada, única exigência da CAPES e do CNPq, que financiavam as nossas bolsas e que, afinal, pagavam com o dinheiro do povo. Era claro para nós, que, quando alguém é escolhido, outros são excluídos. Nós duas tivéramos nossos projetos de pesquisa aceitos, enquanto outros não tiveram a mesma possibilidade que nós. Além disso, quando um país opta por gastar dinheiro em bolsas no exterior, renuncia a destinar as poucas verbas de que dispõe para outras necessidades sociais, que neste país não são poucas.

Nosso entusiasmo pela idéia de organizar o livro de entrevistas, acordado naquela viagem de Brixton a Euston, se deveu, portanto, a duas razões. A primeira, pela coisa em si — entrevistar intelectuais europeus que pensam os impasses que vivemos no final do século e que poríamos em diálogo, através de nosso livro, com aqueles que no Brasil também o fazem. A segunda razão, conforme já dissemos, se devia a nosso compromisso com a socialização do conhecimento produzido no mundo sobre o mundo, ao qual estávamos tendo acesso, e com a responsabilidade social de quem recebe uma bolsa para se aperfeiçoar fora do Brasil e que, de nosso ponto de vista, deveria devolver para a sociedade global que em nós investiu e pagou para que estudássemos nas melhores bibliotecas do mundo, para que pudéssemos mergulhar na cultura historicamente produzida e deste mergulho em nossas raízes culturais, melhor compreendermos o Brasil, o que, acreditávamos, nos ajudaria a construir coletivamente alternativas para os grandes desafios que nosso país enfrenta.

Da idéia inicial — entrevistar intelectuais que conhecêramos ou reencontráramos na Europa — abrimos para incorporar intelectuais norte-americanos, que alguns já conhecíamos e outros sonhávamos conhecer.

Ao final da viagem já trazíamos uma lista de possíveis, ou melhor, desejados, futuros entrevistados. E, no dia seguinte, já nos pusemos a trabalhar a fim de tornar realidade o sonho construído numa viagem de metrô.

Cartas, faxes, telefonemas, viagens a Paris, viagens transcontinentais, compra de gravador, de fitas, transcrições, traduções, assim íamos raspando o dinheiro do fundo de nossas carteiras, investindo no desejo que alimentava nosso sonho comum. E o que nos parecia muito importante — tudo era realizado com muita alegria. O prazer do fazer, de materializar o sonho, o bom humor que jamais nos abandonou, o compartilhar momentos de decepção (quando nos fechavam portas, dizendo não) e momentos de alegria (quando, apesar de todas as dificuldades, conseguíamos transformar o não inicial em sim cúmplice).

De todo o vivido por estas duas mulheres lutadoras que somos, e que no construir juntas iam revelando as suas diferenças, se conhecendo ao conhecer a outra e se aceitando ao aceitar a outra, nasceu este livro, mas nasceu também uma sólida amizade, só possível quando se constrói, junto, alguma coisa significativa para ambas.

No processo de realização das entrevistas aconteceram situações que merecem ser contadas, algumas pelo trágico, outras pelo cômico. É o lado humano de um trabalho acadêmico que, em geral, não é contado, por não se entender como Ciência. Como somos mulheres feministas e porque acreditamos haver outras formas de fazer e de contar, incorporamos uma forma feminina de escrever, valendo-nos de um estilo feminino, hoje reconhecido no Primeiro Mundo, onde as mulheres vêm fazendo conquistas importantes e produzindo importantes conhecimentos. Este é o nosso modo de home-

nageá-las, a elas, mulheres européias e norte-americanas, e às outras, mulheres do Terceiro Mundo, entre elas as nossas companheiras brasileiras.

Lembramo-nos, por exemplo, quando desembarcamos em Madison, nos Estados Unidos, para a nossa entrevista com Michael Apple. Esta seria nossa primeira entrevista e estávamos extremamente excitadas e inseguras. Havíamos comunicado o dia e a hora em que chegaríamos, além de solicitarmos reserva em algum hotel, pois ficaríamos dois ou três dias. Ninguém nos esperava no aeroporto. Pânico. Sem saber o que fazer, tomamos um táxi e pedimos ao motorista que nos levasse a qualquer lugar perto da Universidade de Wisconsin-Madison, que não fosse caro e onde pudéssemos ficar por alguns dias. Não havia lugar nos pequenos hotéis em que nos levou. Acabamos telefonando para o Mike, que nos disse não ter recebido nosso fax, e o que era pior, ser muito difícil àquela época encontrar alojamento pois, vivendo em função da universidade, as hospedagens acompanham o tempo de aulas. Tudo estava lotado e ele não podia sequer nos hospedar, pois seu filho chegara da universidade em que estuda, não havendo lugar em sua casa. Crescia o nosso pânico. Finalmente, após encontros e desencontros, Michael Apple conseguiu um alojamento de estudantes e professores, onde só poderíamos ficar dois dias. E lá ficamos e *after all*, realizamos a entrevista, razão de nossa ida a Madison.

Outra história que entra no anedotário deste livro foi a nossa ida a Boston para entrevistar Noam Chomsky. Tudo parecera muito fácil até então. Nós lhe escreveramos, dizendo de nosso interesse em entrevistá-lo. Ele nos respondera cordialmente que aceitava discutir o nosso projeto. Nossa ansiedade e projeção de nosso desejo nos fizera ler sua resposta como aceitando participar de nosso livro. Mandamos dizer então que pretendíamos ir em tal dia, de acordo com as disponibilidades apresentadas pelo professor Chomsky. Ai, recebemos um telefonema da secretária do

professor, que punha os pingos nos is. O professor, segundo ela, se limitara a dizer que aceitaria discutir o projeto e não que aceitaria participar do projeto. Água fria em nossos projetos e delírios. O que fazer com tanta frustração?

Neste caso, nem juntas estávamos, para nos consolarmos com a decepção, pois uma de nós já retornara ao Brasil e a outra ainda se encontrava em Londres. Telefonemas internacionais, aumento das contas de telefone. Frustração. Dúvidas.

Afinal, entre o medo de mais uma frustração, pois poderíamos receber um não se insistíssemos, e a audácia de tentar, optamos por tentar. E lá fomos, uma de Londres e a outra do Rio, para nos encontrarmos no aeroporto de Boston, cidade que ambas desconhecíamos.

Procuramos, como sempre, um hotel barato, razoavelmente confortável e decente. Barato era, confortável também, mas decente ... Bem, esta já seria outra história, pois quando uma de nós voltou para Londres e a outra ficou esperando em Boston por um vôo para Nova York, acabou descobrindo assustadíssima de que sorte de hotel se tratava. Trancou a porta do apartamento, entregou a alma a um deus em que sequer acreditava ... e viva está até hoje, com mais uma história pitoresca para contar.

Quanto ao encontro com Noam Chomsky, talvez seja a nossa experiência inesquecível, pois ele talvez seja o nosso tipo inesquecível. Alguém da sua importância, que consegue dar a impressão de que um pequeno encontro com duas professoras para ele desconhecidas, vindas do Brasil, era de suma importância. Mostrou ter toda a disponibilidade do mundo para nós, enquanto conversava conosco. Nenhum telefonema, nenhuma interrupção, toda a atenção ao que dizíamos, ao que perguntávamos. Simples, acolhedor, atento, generoso.

Muitas outras histórias poderiam ser contadas, mas este não é um livro de histórias. Fica para outra vez.

Agora, vamos ao que pretendemos com as nossas entrevistas e como cada um de nossos entrevistados e entrevistadas reagiu às provocações de nosso texto, que a cada um e uma enviamos e a partir do qual iniciávamos as entrevistas.